

País vai pagar R\$ 7 bilhões aos credores

O governo brasileiro terá de desembolsar pelo menos US\$ 7 bilhões em 1998 para o pagamento da dívida externa. Durante o ano, o País pagará US\$ 2,976 bilhões em relação ao principal da dívida e outros US\$ 4,030 bilhões em juros. Em 1997, foram pagos US\$ 6,7 bilhões.

A diferença é que o desembolso pesará mais em 1998 porque, até outubro do ano passado, o Brasil dispunha de reservas em dólar superiores a US\$ 63 bilhões e, hoje, estão em torno de US\$ 52 bilhões. O que preocupa os técnicos do governo é que essa conta será paga num ano que começa com muitas incertezas no mercado financeiro internacional.

O mês mais pesado de desembolso de pagamento da dívida externa neste ano será abril, quando sairão das reservas do país US\$ 1,708 bilhão, conforme o cronograma do Banco Central (BC) de pagamento da dívida.

O esquema de desembolsos do BC mostra que o Clube de Paris vai receber US\$ 2,289 bilhões no ano enquanto os títulos da série conhecida como IDU (que reúne papéis renegociados) terão vencimentos de US\$ 1,312 bilhão. Esses valores, contudo, ainda podem variar conforme a cotação das moedas às quais está atrelada a dívida brasileira e em função das taxas de juros internacionais, no caso dos papéis que não têm taxas prefixadas.

RECUPERAÇÃO

Com o mercado nervoso por causa da crise asiática, os prêmios (*spreads*) exigidos pelos compradores de títulos de economias emergentes devem manter-se em alta durante o ano. "Depois da crise, ainda não dá para dizer que os papéis da dívida brasileira estão estáveis. Eles estão se recuperando muito lentamente", disse um economista da Área Externa do BC. Hoje, por

exemplo, o custo dos C-Bonds variou 0,6%, com alta no começo do dia e queda no fechamento dos mercados.

Segundo o diretor de Análise Econômica do banco BMC, Marcelo Allain, "o mercado financeiro está nervoso com o futuro e a possibilidade de o Brasil ser a bola da vez". Para ele, falta informação sobre o que realmente está acontecendo com as economias asiáticas. "Com isso, acabamos importando esse nervosismo", avaliou Allain.

Nesses momentos de crise, o fundamental, conforme explicam os economistas, não é olhar os altos e baixos das bolsas de valores, que sempre variarão. Importante mesmo, dizem, é olhar o quanto entra ou sai de divisas. Nesse aspecto, a situação do Brasil tem melhorado desde a crise de outubro do ano passado.

Naquele mês, por causa da perda de reservas, o segmento livre do mercado de dólar registrou, como média diária, saída líquida de US\$ 45,2 milhões. Em novembro, a média diária continuou sendo de saídas, ainda que menores, de US\$ 14,6 milhões.

A inversão do quadro ruim criado pela crise surgiu em dezembro, quando, por dia útil, entraram no país US\$ 167,4 milhões. Isso ajudou a reforçar as reservas, que superaram US\$ 52 bilhões, depois de terem perdido cerca de US\$ 10 bilhões desde o início daquela crise. Em janeiro, nos seis primeiros dias úteis, a média foi positiva, com ingressos médios diários de US\$ 140,8 milhões.

Para o economista da MCM Consultores, Nilton Rosa, os fundamentos da economia brasileira não demonstraram deterioração desde a crise. "Mas como não há notícias boas por aqui e os fatos lá fora são ruins, a Bovespa está ao sabor do comportamento da Ásia e de Nova York", observou.